

A INCORPORAÇÃO SEMÂNTICA NA AQUISIÇÃO DO NOME NU SINGULAR NA POSIÇÃO PÓS-VERBAL

Luciana Santos Brito (Bolsista do PIBIC/UFPI), Gustavo Andrade Nunes Freire (Colaborador, IEL - UNICAMP), Ronald Taveira da Cruz (Orientador: Departamento de Psicologia – UFPI)

1. Introdução

Este trabalho procura mostrar os resultados parciais de uma pesquisa com crianças adquirindo o PB. Essa análise tem como objetivo observar e discriminar, dentro de uma abordagem da semântica formal e sintaxe gerativa, se as crianças fazem distinção no traço de especificidade entre os singulares nus e os definidos. De acordo com Taveira da Cruz (2008), há diferenças entre os singulares nus e os definidos em relação ao traço de especificidade: o traço [+esp] (mais específico) é usado preferencialmente em casos cujo nome vem acompanhado do artigo definido.

2. Metodologia

Como forma de adequar explicativa e qualitativamente a pesquisa, foram examinados dados transversais de produção espontânea de quarenta e oito crianças com faixa etária em torno de (1 ano e 8 meses a 5 anos e 5 meses) dentre os quais foram destacados quatro: P. – entre 1 ano e 8 meses e 2 anos e 2 meses -, A. – 5 anos -, L. – 5 anos -, R. – 5 anos e 5 meses - ; sendo que ambos podem ser encontrados no site: <http://childes.psy.cmu.edu/data/>, no programa CHILDES de banco de dados (Child Language Data Exchange System).

3. Resultados e discussão

3.1. Presença de nome nu singular na posição pré e pós-verbal

Desde cedo (1 ano e 8 meses), foi possível perceber logo o nome nu singular (destacado em itálico) sendo usado em diversos momentos. O exemplo abaixo exemplifica o nome nu na posição pré e pós-verbal.

Exemplo 1:

Situação: O telefone toca e a criança está comendo biscoito.

*CRI: tejê [telefone]

*MÃE: pronto.

*CRI: tê [atender] *tejê* [telefone].

*CRI: tê [atender] *tejê* [telefone].

*INV: vai atender o (ao) telefone vai.

*INV: papai está chamando no (ao) telefone.

*INV: vai falar com o papai, vai.

*MÃE: fala com o papai? (sussurros)

*CRI: é.

*MÃE: então dá tchau, vamos.

*CRI: não.

*CRI: focu [toca] *tejê* [telefone].

*CRI: *tejê* [telefone] focu [toca] fonfon (onomatopéia).

3.1 Presença de artigos nos dados averiguados

Verifica-se que a criança ao adquirir o Português do Brasil parece compreender a distinção existente entre traços mais específicos e menos específicos, portanto estabeleceu-se as seguintes hipóteses:

Contextos nos quais são utilizados os artigos determinam situações específicas.

Contextos onde não há o uso de artigos entre verbo e nome, determinando condições não-específicas.

Quando artigos forem mencionados, os nomes admitem a denominação: contável.

Quando não houver a utilização de artigos, o nome na maior parte das vezes admite a denominação: massa.

Exemplo 2:

Situação: Criança conversando com a investigadora sobre uma viagem que fez a praia.

Investigadora: e tu ia [ias] com quem na praia?

Criança: com o meu irmão, com minha irmã, com o meu pai e aí a gente um dia [es] tava *pegando um peixe*, aí a gente saltava.

Investigadora: os peixes saltavam?

Criança: é.

(L.: 5 anos)

Já na sentença (2) nota-se com clareza que a mesma traz sentido mais particular, acredita-se que isso se deve em função do uso de artigos. Por tanto os itens destacados em itálico sugerem significados mais específicos, isso de certo modo torna as sentenças mais objetivas, como se os eventos ocorressem próximo dos indivíduos e os objetos ou coisas estivessem no mesmo campo visual.

Exemplo 3:

Situação: Hora do almoço, criança chorando e falando com a mãe.

Criança: qué [quero] *comê* [comer] *pitsa* [pizza].

Mãe: espera um pouquinho.

Criança: *comê* [comer] *pitsa* [pizza]!
ano e 10 meses)

(P.: 1

Na sentença (3) observa-se a falta de definição, pois não está claro qual o sabor da pizza e nem a quantidade de pedaços (fatias). É perceptível também que como não houve o uso de artigos entre verbo e nome, o contexto da fala (3) parece indicar sentido não-específico e o nome a denotação massa (não-contável). Seguindo assim a ideia que Saraiva (1997) destaca em um de seus trabalhos “há impossibilidade de se fazer o plural dos não contáveis (...) por isso esses nomes não podem ser precedidos de numerais ou certos itens com valor quantitativo”, por exemplo, *dois pizzas*, o que se acredita que conseqüentemente faz alguns nomes se encaixarem nessa denominação.

Deste modo, ressalta-se que, com uma futura análise mais detalhada, será possível ver se as hipóteses propostas acima poderão ou não ser comprovadas com mais precisão.

3.3. Incorporação e não-incorporação nominal nos dados apurados

Essa pesquisa servirá também como uma prévia confirmação (ou não) da hipótese (Taveira da Cruz, no prelo) de que as crianças adquirindo o nome nu na posição pós-verbal podem oscilar entre uma leitura incorporada e uma não-incorporada; se sim, surge mais uma evidência que confirma a tese de Taveira da Cruz (2008) de que a incorporação no PB ocorre somente em alguns casos, como os abaixo:

1. Pedro *jogou bola*.

2. O João *tomou café* hoje às sete horas da manhã.

Segundo o autor, as sentenças 1 e 2 são ambíguas, elas podem representar a versão incorporada e não-incorporada. Em 1, o único esporte possível é o futebol (representando assim uma atividade institucionalizada: característica de incorporação), porém ao se deslocar o objeto para a periferia esquerda da sentença (#Bola, Pedro jogou) o sentido depreendido de jogar futebol não se mantém passando apenas a ter uma leitura composicional: há uma bola que Pedro jogou ou arremessou (versão não-incorporada); já a sentença 2 pode ser representada pelo evento de tomar-café, remetendo a uma atividade reconhecida pelo falante do PB (versão incorporada) ou quando falante põe em causa o café em si, o líquido (versão não-incorporada).

Uma das crianças investigadas, R. (5 anos e 5 meses), utilizou a expressão '*jogar-bola*', e jogar bola no PB remete necessariamente ao evento de jogar futebol e não há uma bola que foi jogada, ou seja, nesse contexto a criança já faz incorporação semântica.

Exemplo 4:

Situação: Criança lendo a sequência de uma história apresentada pela investigadora.

Investigadora: gosta (gostas) eu trouxe uma pra te mostrar hoje sabia (sabias)?

Criança: não.

Investigadora: daí tu olha (olhas) um pouquinho, daí tu me conta (dizes) o que tá (está) acontecendo.

Criança: eles tavam (estavam) *jogando bola* daí né.

Criança: daí né.

Investigadora: eles tavam (estavam) *jogando bola*.

Criança: eles tavam (estavam) *jogando bola* e começou a ficar nublado, choveu.

Contudo após examinar os dados de P. (2 anos e 2 meses), a criança produziu a seguinte sentença:

Exemplo 5:

Criança: *to mej* (tomei) *ka fe* (café).

Criança: *to mej* (tomei) *ka fe* (café).

Pai: café é depois da janta.

Criança: *to mej* (tomei) *ka fe* (café) dan, dan, dan. (Onomatopéia)

Criança: a.

Pai: café é depois da janta, viu?

Investigadora: viu?

Segundo se constata no contexto da criança pedindo a mãe café, a mesma está especificando o próprio café, ou seja, se utiliza da versão não-incorporada de *tomar-café*.

4. Conclusão

Perante a análise feita, percebeu-se que as crianças com faixa etária por volta de 2 anos ainda não fazem uso de expressões que apresentam a probabilidade de incorporarem, o que só foi constatado nas falas de crianças mais velhas em torno dos 5 anos de idade. Sendo assim a proposição estabelecida no projeto por Taveira da Cruz (2008) de que “as crianças adquirindo o nome nu podem oscilar entre leituras incorporadas e não-incorporadas”, parece se confirmar, os dados apresentaram evidências de que as crianças primeiramente fazem o uso de estruturas não-incorporadas para só depois utilizarem esse artifício na fala.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição. Singular Nu. Incorporação Semântica.

REFERÊNCIAS

BASSO, Renato Miguel. [et al]. Semântica e pragmática: delimitando os campos. In:_____. **Semântica**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009. p. 13-24.

CHIERCHIA, Gennaro. A hipótese gerativa: gramática universal e parâmetros de variação. In:_____. **Semântica e gramática universal**. Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

FREIRE, Gustavo Andrade Nunes. Variação e mudança lingüística na perspectiva da gramática gerativa. In:_____. **Variação e mudança linguística na complementação sentencial do português europeu**. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2005. p. 1-12.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos. **Against a unified analysis for bare nouns in Brazilian Portuguese**. 2008, no prelo.

_____. **Traços semânticos na aquisição da linguagem**. v. 41. n° 1, Porto Alegre: Letras de Hoje, 2006, p. 161-178.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. Coleção idéias sobre Linguagem.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. **Buscar menino no colégio**: a questão do objeto incorporado em português. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F & Bentes, A, C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2, São Paulo: Cortez, 2001. p. 204-229.

TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. **O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2008.